

O CORPO COMO ESPAÇO DE TRANSITO ENTRE A MEDICINA E AS ARTES VISUAIS

José Henrique Barreto
Mestrando em Artes Visuais / PPGAV / EBA / UFBA

Resumo: Este artigo aborda questões conceituais em relação ao corpo e ao espaço na arte, privilegiando o pensamento contemporâneo. Adoto a referência do próprio corpo como espaço de manifestação artística e para nortear meu pensamento, trago conhecimentos sedimentados sobre os conceitos de espaço e de corpo, além de apresentar minha pesquisa pautada em um corpo híbrido, fundido entre a Medicina e as Artes Visuais. Discorro sobre algumas idéias acerca do corpo, reconhecendo o real e o imaginário, buscando o inconsciente, o devaneio sobre a experiência, tentando priorizar o tempo diacrônico, mostrando a lógica para a compreensão do corpo como espaço.

Palavras-chave: corpo, medicina, arte contemporânea, ciências, fenomenologia, espaço

Abstract: *This article points out some questions about the body and the space in the contemporary art. I adopt the body as a reference for space of art manifestations, and to direct my thoughts I bring some knowledge about a hybrid body consolidated with Medicine and Visual Art. I talk about some ideas from the real body and imaginary body, searching for the unconsciousness, and an illusion from the experience, trying to take priority to the diachronic time, showing the logic for the comprehension to the body as a space.*

Key-words: *body, medicine, contemporary art, science, phenomenology, space.*

Este artigo aborda questões conceituais em relação ao corpo e ao espaço na arte, em alguns dos seus aspectos gerais, privilegiando o pensamento contemporâneo. Adoto a referência do próprio corpo como espaço de manifestação artística e para nortear meu pensamento, trago conhecimentos sedimentados sobre os conceitos de espaço e de corpo, além de apresentar minha pesquisa pautada em um corpo híbrido, fundido entre a Medicina e as Artes Visuais. Discuto conceitos, pontuando dúvidas que foram essenciais para me fazer mergulhar na imensidão de possibilidades do corpo, me detendo mais nas que se aplicam à pesquisa que desenvolvo.

O espaço

Muitos conceitos sobre espaço vêm sendo abordados em várias áreas do conhecimento. Ele pode ser real ou virtual; pode ser considerado físico quando é possível estabelecer suas dimensões ou pode ser definido como cognitivo e comunicacional, quando não há existência física, como no caso do ciberespaço. No espaço virtual, o corpo “descorporaliza-se” para ocupar um

mundo controlável paralelo àquele em que se fisicamente se encontra. Interfaces são criadas para que as barreiras para a utilização desse espaço deixem de existir. Nos espaços cognitivos e comunicacionais surgem os questionamentos sobre a realidade e seus limites, algumas vezes nos transportando para além dos limites da nossa pele e do corpo, num fluxo material e imaterial, numa sobreposição contígua do espaço territorial físico com o virtual, surgindo um meta-espaço único do qual resulta a vida humana. Vivemos, pois, entre o espaço real e o virtual, pois ao mesmo tempo estamos vivenciando fatos que acontecem conosco e fatos que acontecem com os outros, que são vistos através de veículos de comunicação, como a televisão.

Ao longo do século XX, o espaço tal como concebido pelas vanguardas mostrou-se fragmentado, híbrido, peregrino, caminhando entre a abstração e a figuração, a presença e a ausência biográfica, o comprometimento e a ultrapassagem de certas noções políticas, as dimensões de caráter mais emocional e temporal e as de caráter mais contemplativo e atemporal. Realizo, aqui, uma reflexão acerca das percepções e sensibilidades que marcaram as novas conceituações sobre o espaço. Lacan (1985:94) revela que no espaço coabitam diversas modalidades do sentido, onde sou apenas um ponto de onde é apreendida a minha perspectiva. Nessa paisagem, o lado de fora é o próprio ponto do olhar onde eu também sou fisgado. Dessa maneira, percebo o espaço estabelecendo um modo de reabilitá-lo, ao “criar entre as palavras e os objetos novas relações e precisar algumas características da língua dos objetos, geralmente ignoradas na vida cotidiana” (FOUCAULT, 1988:50)

Ao refletir sobre o espaço, penso mais como um tratado, um mapa, em que a partir dele se enquadram diversos lugares e possibilidades de alcance. Abordo-o como um lugar permeável, entreaberto, que se mostra apto a distrair, a conceber novos espaços dentro de uma nova poética, percebendo-o tanto como o local de manifestação artística, como o lugar que converge para um prazer infinito. Seguramente, como falaremos a seguir, o corpo se enquadra nessa concepção de espaço de reflexão e de conceitos, solicitando do artista constante reavaliação da sua proposta de ação.

O corpo

As descobertas do corpo possuem uma história vasta e secular, pontuada pelos avanços e limites do conhecimento humano. O corpo não cessa de ser descoberto; a todo o momento surgem novidades a seu respeito, mas nunca ele é completamente revelado. Toda tentativa de conhecer o funcionamento do corpo, incluindo seus significados biológicos e culturais, desencadeia uma sucessão de esclarecimentos e dúvidas inusitadas a seu respeito. Por todas as áreas da medicina, desde os procedimentos diagnósticos até as intervenções clínicas, cirúrgicas, cosméticas e técnicas disciplinares, o conhecimento do corpo é histórico, relacionados aos receios e sonhos de cada época, cultura e grupo social. Este conhecimento não se restringe ao terreno da história, nem ao campo da medicina. Ele faz parte de todas as ciências e das artes.

Análise do conceito de corpo

O corpo é a organização biológica subjacente ao comportamento e é, em certa medida, o referente último do próprio comportamento (ALFERES, 1987:216). Contudo, no quadro das interações humanas, funciona mais como situação motivante que como realidade biológica, isto é, como objeto de percepção seletiva e como dispositivo de sedução. O corpo ainda é um instrumento e/ou uma máquina de trabalho, de sexo e de violência. É considerado, também, um objeto particular de representação, sendo, talvez, o que de menos biológico possuímos.

Muitas transformações e modos de ver o corpo ocorreram em função da própria passagem do tempo e evolução da humanidade, das ações sociais, políticas e culturais. Algumas mudanças radicais ocorreram no século XX (feminismo, revolução sexual, etc.) que alteraram a consciência e a representação do corpo. Vislumbro diversas possibilidades do corpo na arte contemporânea, mas, tomo como recorte para a discussão neste artigo, o corpo como espaço. Saliento que, em algumas situações, as muitas possibilidades do corpo acima citadas se imbricam. Diante deste fato os limites para a compreensão dos conceitos de cada maneira de abordagem do corpo tornam-se estreitos e diluídos.

O corpo e as artes visuais

Nosso corpo é nossa presença, nossa morada no mundo, possui forma física, ocupa um lugar no espaço e torna concreta nossa existência. Apesar das diferenças culturais, comportamentais e históricas, existem algumas semelhanças, geradoras de identidade, que aproximam o ser humano de todas as épocas. Este, provavelmente, é o denominador comum capaz de atravessar fronteiras temporais e espaciais e é derivado da estrutura e do esquema corporal do indivíduo, considerando as variações anatômicas regionais. É devido ao reconhecimento dessas diferenças e dessas semelhanças entre as civilizações que, talvez, possamos recuperar uma secreta unidade: o próprio ser humano.

A importância dada ao corpo no nosso tempo contrapõe-se ao ofuscamento a que estava submetido no passado. Novos valores de beleza, juventude e prazer identificam-se com um corpo transformado em objeto de cuidados e desassossego. As novas maneiras de pensar, sentir e agir o corpo são indicadores de mudança. Assim, nesta perspectiva, não se pode compreender as práticas do corpo enquanto realidades simples e homogêneas, mas como entrecruzamentos de múltiplos elementos poéticos, econômicos, sociais e culturais de uma totalidade.

Apesar da descoberta do corpo não ser uma novidade da atualidade, foi no decorrer da segunda metade do século XX que elas ganharam grande importância. As redescobertas do corpo a partir da década de 60 favoreceram à criação de publicações especializadas na análise das técnicas corporais como também à importante emergência de trabalhos de artistas plásticos e fotógrafos dispostos a evidenciar as centenas de usos do corpo na sociedade contemporânea. Corpos em pedaços, corpos híbridos, monstruosos, estereotipados, mas também corpos que mostravam sem pudor, a homossexualidade, a velhice, as sinuosidades do desejo e do sofrimento cravadas na carne.

Para os artistas, o corpo sempre foi foco de atenção sob diversas maneiras, pontos de vista e intensidades. Especificamente nas artes do Ocidente, o corpo foi tomado como objeto central nas artes a partir das

vanguardas estéticas no início dos anos 90. Assim, com o decorrer do tempo, o corpo foi deixando de ser uma representação para ir se tornando um problema a ser explorado pela arte sob múltiplos aspectos, colocando em evidência a plasticidade e o polimorfismo do corpo humano. Surgiram questionamentos sobre o corpo-vivo, sua vulnerabilidade, seu modo de estar no mundo e suas modificações.

Dentro e fora da arte, os trabalhos sobre o corpo e a partir de sua evidência colocam em relevo a multisensorialidade humana. Nos estudos históricos, ganha impulso a tendência em investigar as sensibilidades do corpo, na vida privada e cotidiana. Alain Corbin propôs uma história do sensível, ampliando, assim, uma antiga intenção de Lucien Febvre de realizar uma história dos dispositivos afetivos (VIDAL, 2005). Ao mesmo tempo, uma história do corpo medicalizado, da saúde, da higiene e do conforto ganhará importância crescente em outros domínios além daquele da história das idéias.

O papel do corpo na arte foi se tornando mais intenso e, a cada dia, mais presente. O corpo vivo do artista tomado como suporte da arte teve início com Duchamp (fotografado por Man Ray como Rose Sélavy, 1920), continuou com os happenings, Fluxus e Acionismo nos anos 50 e 60, atingiu seu clímax com a *body art* dos anos 70 (SANTAELLA, 2004:68). Então, nas Artes visuais, o corpo necessitava libertar-se de antigos fantasmas para que assumisse um comportamento contemporâneo, passando a influenciar desde a *body art*, performances e até outras manifestações artísticas. O corpo passou a ser pensado, realizado, redescoberto e reavaliado.

Com a mudança dos padrões de beleza, o culto ao corpo passou a fazer parte da agenda diária de alguns indivíduos, principalmente a partir das duas últimas décadas do século XX, gerando preocupações com o corpo em si, mas também, com o estilo de vida. Nos anos 90, as redescobertas do corpo foram seguidas sempre por críticas que deram lugar a novas descobertas e a outras críticas. Homens e mulheres musculosos continuaram a fazer parte do cenário mundial. Mas, uma parte desse espírito começava a se desmanchar em stress, depressão, colesterol, ansiedade ou a descobrir artroses, músculos distendidos e remédios falsificados. Outros se recolheram para dentro de seus

corpos, em busca de suas necessidades particulares ou mesmo de uma espécie de desaceleração preventiva, pois não estavam dispostos a enfrentar mudanças e situações inusitadas na vida, ou mesmo fugir ao olhar do outro. Nos grandes centros urbanos, houve mudanças no modo de ser e estar, levando a uma diminuição das condições mínimas de lazer e de saúde. Neles, redescobrir o corpo começava a soar muito menos como moda ou um signo de modernidade, e muito mais como uma necessidade básica, ou como a única opção de garantia de um mínimo de qualidade de vida.

Com o desenvolvimento da neurociência e após afirmações como a de Jean-Pierre Changeux, um dos chefes da doutrina materialista, para quem “o homem não tem nada a fazer com seu espírito” porque ele é um homem “neuronal” (CHANGEUX, 1983/1985), o espírito se faz carne, se encarna, mostra-se presente em todo o corpo. A inteligência não se situaria apenas no cérebro e, por conseguinte, o corpo apresentaria inúmeras regiões e potências capazes de funcionar de modo inteligente. O respeito ao corpo advém, principalmente, desta espécie de descentralização da mente, resultando em processos cognitivos que relacionam a experiência cultural e biológica do corpo.

Contudo, o hibridismo entre natureza e cultura em pleno desenvolvimento na indústria e, também, em hospitais, clínicas e laboratórios contribuiu para desencadear investigações sobre as rupturas das fronteiras entre o corpo humano e os resultados da tecnociência. A artificialização dos corpos. Na esfera do biológico, como na esfera do social, trata-se do desaparecimento do corpo, num processo de exteriorização e interiorização: hiper-exteriorização, com diversos implantes (lentes de contato, marca-passos, hemodiálises e nanotecnologias); e hiper-interiorização, com a construção de subjetividades pelos media e as novas redes eletrônicas (o ciberespaço). Seja na radicalização discursiva, seja pela artificialização, o corpo vive numa cultura do excesso, passando por um processo de reestruturação, de obsolescência e virtualização.

O corpo como espaço de arte

O corpo é um espaço; quando valorizamos a ação individual estamos respeitando o espaço corporal. A construção espacial é simbólica, e é no corpo que sua noção é registrada. Por isso ele é o espaço fundador, referências dentro e fora, sair e entrar, engolir e expelir, projetar e incorporar.

A arte, independentemente do tipo de linguagem que utilize, possui um vocabulário que permite evocar e trazer à tona imagens e sensações mantidas no inconsciente, ainda que não sejam muito claras. Assim, ela procura resgatar a tradução primeira de cada pessoa como indivíduo e do conjunto de todos eles. Penso que o corpo natural, que vive em simbiose com os sistemas naturais, condicionado por ciclos biológicos, não existe mais como antigamente o conhecíamos. Esse corpo, atualmente, tornou-se condicionado pela dinâmica das mídias, passando a ser uma construção cultural.

Hoje, vivemos na era da imagem, que se tornaram expansivas e antropofágicas, aderiram a todas as superfícies passando a buscar o corpo como suporte, inicialmente pela utilização de tecidos estampados (segunda pele) e depois através da impressão direta na pele, a tatuagem, escarificações e *brandings*.

O corpo humano do século XXI, sob o ponto de vista de sua percepção sensível e de seus instintos animais, tornou-se um habitat de um ser em estado de pura vertigem, provocada pela obsessão de ser desejado. Aliás, essa obsessão sempre existiu. Por exemplo, a Europa do século XVIII é profundamente devotada à sedução. Muitas vezes, alguns indivíduos procuram unificar-se com seu próprio desejo, buscando a integração do consciente com o inconsciente, através do resgate da memória da pele, da carne e dos músculos, pela transcendência e superação dos próprios limites físicos.

O corpo como espaço na arte evoluiu com o passar dos tempos. Com a ampliação das possibilidades do corpo, para alguns artistas, ele se tornou obsoleto diante da imensa liberdade de modificá-lo oferecida pela atual tecnociência. Aliás, já deixou de ser ficção científica para se tornar realidade o prolongamento do corpo com o uso de próteses, fabricadas graças ao

casamento entre genética e informática, realizado desde meados do século XX. Isto será abordado mais adiante quando falo das questões fenomenológicas da corporeidade.

A arte contemporânea conquistou esta maleabilidade entre o corpo, o espaço e o conceito da obra de arte e, ao esgarçar as fronteiras entre as linguagens, ela deixa para trás o compromisso com o monumental e o comemorativo, conferido à escultura através dos tempos, ou simplesmente dispensa a demarcação do espaço fixo legado pelo pedestal sacralizador.

Na primeira metade do século XX, o espaço que envolve o corpo do observador não era tratado como parte da obra. O sentimento de estar dentro de uma obra e possuir a consciência dessa percepção corporal foram explorados pela arte a partir das idéias de Merleau-Ponty pela difusão da sua obra “Fenomenologia da percepção” (1945). A experiência da percepção corporal passou a ser explorada por muitos artistas em suas proposições plásticas a partir dos anos 60. Durante essa década, os convites à participação física dos observadores nas propostas dos artistas difundiram-se e, ao mesmo tempo, diversificaram-se. A arte não era mais só para ser vista, passou a ser experimentada, vivida. A consciência desse outro modo de perceber a arte influenciou as poéticas dos artistas, os observadores e a crítica.

O corpo enquanto matéria, transformado em suporte sobre a qual se inscrevem mensagens, é muito mais que um cenário que se constrói para enquadrar mensagens ou facilitar a comunicação com o receptor. O corpo passa a ser a própria mensagem. É a imagem física de uma identidade que se busca hoje com avidez para que possamos perceber quem somos. As remodelações desse espelho de identidades são constantes, são projetos sempre inacabados, sempre imperfeitos, com as possibilidades sempre em aberto e onde a essência do “ser” não é tida como estática e absoluta. Cada vez mais essa necessidade de “ser” do indivíduo moderno se entrelaça com a necessidade de possuir bens de consumo que significam algo acerca da sua essência. Estes são escolhidos com atenção criteriosa para compor o quadro que o suporte do corpo socialmente mostra. Culturalmente, cada vez mais se esbatem as fronteiras entre “ser” e “ter”. O corpo escolhido como suporte

privilegiado das mensagens que se pretendem construir é palco tanto de propostas artísticas, como de imagens que invadem as mídias em geral (e a publicidade em particular) e que apresentam elas próprias propostas de identidade. Assim, os bens de consumo funcionam como adereços e o corpo é tido como espaço transformável e estilizado.

A abertura das obras aproximou-se do pensamento merleau-pontiniano em que a abertura do mundo e do visível são inalienáveis. Mantendo coerência com esse modo de pensar, surgiu o entendimento sobre a relevância e o papel do processo como modo de ser da obra, pois o fazer passou a ser mais importante do que o produto obtido através dele, resultando em algumas obras que se modificam constantemente, assimilando o novo como condição para manter-se viva. Os neoconcretistas promovem a interação entre sujeito e objeto. Ao levar os objetos artísticos para o espaço experimental o conteúdo da arte foi retirado do suporte tradicional em que o objeto era representado, para deixá-lo ser tocado, vivenciado, no contato com o público. Assim ele era apresentado ao espectador e submetido à percepção, recriando seu sentido, questionando as concepções de tempo, espaço e representação na arte de maneira geral. Essa nova visão sobre a arte foi baseada no conceito de ser-no-mundo e na percepção de tempo, espaço e objeto, ambos extraídos do pensamento central de Merleau-Ponty. Surgia assim um novo olhar em relação à obra de arte.

A existência do ser imanente que é o corpo, do estar das coisas no mundo, sobreveio a mim por meio do corpo-criação. Sendo o espaço condição existencial do corpo, a criação pelo ato corporal traz consigo a transformação do próprio espaço. A experiência da união da Medicina com a Arte deu-me a exata idéia do que seja a criação pela intersecção de duas áreas tão próximas e tão distantes ao mesmo tempo. Mostrou-me a possibilidade da transformação. Uma espécie de desprogramação orquestrada pela aproximação do corpo medicalizado com o corpo relido pela arte. A ação artística atua na sensibilização de um campo intersubjetivo estruturado por corpos transformados, migrantes entre diferentes campos de conhecimento.

A meu ver, a fenomenologia permite a compreensão do encadeamento de emoções diante da minha proposta de trabalho. A obra sugere ao fruidor o

entendimento da sua ação/concepção e a incorporação em si daquele momento, jogando-o dentro da obra e fazendo brotar um estranhamento: gosto/não-gosto; entendo/não-entendo; absorvo/rejeito. Ao incorporar ou rejeitar a obra, o indivíduo modifica o espaço e a obra deixa de ser apenas a obra, passando juntos a ter a qualidade de corpo, pois, como diz Merleau-Ponty (1994:205) o espaço é sua dimensão ontológica. O espaço passa a ser distinguido como um certo encontro onde a ação (estranhamento) se processa. É como se eu, transmutado em propositor, convidasse o fruidor a tomar consciência da ação subentendida na obra. A participação é experimentada ao confrontá-la.

A percepção o corpo e suas representações simbólicas levam-me a entender as relações entre a história das culturas e o desenvolvimento das práticas artísticas ao longo do tempo. O ponto de partida é sempre a visão do tratamento dispensado ao corpo pelas sociedades primitivas, fazendo parte do mundo do imaginário: o corpo pintado fazendo parte da magia de cerimônias que exprimem a transgressão ritual dos tabus e o corpo com tatuagens e escarificações que, pelo caráter indelével das marcas, diz respeito a uma inscrição na ordem simbólica. As sociedades atuais tomaram essas práticas para exercer novas leituras do corpo, agora ligadas ao seu culto, ao culto do belo, ao culto da estética, ao culto do “diferente” e contemporâneo. Esse é um modo atual de mapear o espaço do corpo. Estas transformações, modificações e “codificações” exigem um olhar diferenciado para entender o contexto em relação ao “corpo original”.

Um modo de entender o corpo como espaço é caminhar por sua porção mais externa. “É mais fácil representar as formas do corpo do que a própria a pele”, diz Henri-Pierre Jeudy. Enquanto superfície, a pele parece ser um meio possível de representação sem ser por essa razão representável. (JEUDY, 2002:83). A pele é um elemento de revelação, de desnudamento, de descobrimento, de descortinamento e, também, é elemento de leitura do corpo, capa protetora que deixa desvendar os mistérios do corpo além do nosso saber. Na minha obra ela não se apresenta como elemento limitante,

fronteiriço, mas como via de possibilidades e elemento de propostas para o mapeamento do corpo.

Na série CORPO SANTO I a IX (Figura 1) discuto o conceito de superfície, limites e fronteiras, além de abordar as diferentes leituras corporais em função da modificação do próprio corpo. Nesta obra há um entrelaçamento das diversas possibilidades do uso corpo na contemporaneidade, referidos anteriormente.



Figura 1 - CORPO SANTO (2008) - fotomontagem - 40 x 30 cm

Um dos recortes conceituais sobre o corpo que escolhi para trabalhar é o “corpo-objeto” - o corpo do homem e/ou isolado do homem, objeto de curiosidade. Essa curiosidade data desde tempos passados, no tempo dos primeiros anatomistas que rasgaram os limites do invólucro corporal, a pele, para levar a dissecação a seu termo da dissociação e desmembramento do corpo. A partir das descobertas e experiências dos primeiros anatomistas (1543), o corpo ocidental tornou-se matéria viva, elemento da medicina, e o dualismo cartesiano encontrou um imenso campo de experimentação "ao vivo": a Ciência Moderna se lança de corpo e alma nos estudos do corpo como realidade autônoma, totalmente separada do homem, da pessoa. A fragmentação do corpo é conseqüência da fragmentação do sujeito,

ultrapassando as fronteiras do próprio corpo, que são os limites da identidade de si. A dissociação da pessoa do seu corpo torna-o circunstancialmente um fator de individuação, mantendo-o numa clausura pouco admitida nos dias atuais, mas que pode perfeitamente estar inserido nas abordagens em artes visuais, como objeto de pesquisa e experimentação.

Em uma visão do corpo sob a óptica fenomenológica abordo a questão da corporeidade e da visceralidade, o espaço exterior e o espaço interior do corpo, um visível e o outro invisível ao olhar comum. Através do contato crítico com os diversos sistemas simbólicos visuais criados pelo homem, podemos criar e trocar experiências de forma privilegiada. Este contato essencial e específico, no meu trabalho, é travado entre a ciência e as artes, sendo os efeitos deste entrelaçamento descritos como mágicos pelos olhos da percepção humana. A ciência tenta explicar e mostrar as experiências da vida, mas as Artes Plásticas é que conseguem fazê-lo.

Na abordagem fenomenológica da visceralidade, trago a questão do “ver o invisível”, através da exploração da materialidade visceral. A teórica política alemã Hannah Arendt (1978) diz que a visão do interior do corpo nunca é “*uma visão agradável*” (p. 29), constituindo uma “*monótona mesmice e feiúra penetrante*” (p. 35). Arendt escrevia, nos anos 70, que “*por dentro todos somos semelhantes, imutáveis, a não ser à custa do funcionamento de nossos órgãos psíquicos e corporais ou, inversamente, de uma intervenção feita com o propósito de remover alguma disfunção*” (p.37). Hoje, essa afirmação deve ser contextualizada e, como exemplos, menciono a “arte anatômica” de Gunther von Hagens e a “arte carnal” da artista performática Orlan – com suas performáticas cirurgias plásticas. No meu trabalho, me aproprio de vísceras animais e pratico intervenções e incrustações para estabelecer um paralelo com a visceralidade humana, estimulando reflexões e conscientização sobre o corpo e seu interior. Quando esse interior adquire a visibilidade que possui na nossa cultura, aparecem tentativas de dar uma identidade, uma marca singular a esse espaço em si homogêneo e opaco.

Algumas pessoas usam próteses, órteses e outros instrumentos para provocar uma modificação do corpo (estética), ou essa modificação é imposta por problemas de saúde, seja por doenças ou por acidentes que culminam com mutilações do corpo ou substituições de partes cujo funcionamento está inadequado. Na fenomenologia da corporeidade, a incorporação de próteses representa uma possibilidade de redesenhar o corpo de maneira que as extremidades se emaranhem com o mundo. Segundo Merleau-Ponty, o esquema corporal constitui um sistema aberto para o mundo. O esquema corporal é implicitamente uma teoria da percepção. Aprendemos a sentir nosso corpo; reencontramos, sob o saber objetivo e distante do corpo, esse outro saber que temos dele porque ele está sempre conosco e porque nós somos corpo. Retomando esse contato nos reencontramos a nós mesmos, já que se percebemos com nosso corpo, que é um “eu” natural e sujeito da percepção. (MERLEAU-PONTY, 2006) As próteses se incorporam ao esquema corporal constituindo-se numa maneira de expandir os limites do nosso corpo. Elas fazem parte da “anatomia fenomenológica do corpo vivido”, a qual não é fixa no tempo ou reduzida aos limites físicos da carne. (LEDER, 1990). Utilizo de elementos ortopédicos apropriados da ciência médica para abordar a modificação do “corpo original”, estabelecendo diálogo entre o “eu” e o “outro”, provocando uma discussão e comparação sobre as releituras impostas por esses elementos.

Na obra “LUX(AÇÃÃO)” (Figura 2), utilizo de um aparelho ortopédico para correção da luxação congênita do quadril em crianças de tenra idade, e como elemento fragmentário, imperfeito e incompleto traz a memória da vida real por mim experimentada. Chamo a atenção para a necessidade de convivência harmônica com as diferenças, além de abordar a necessidade de inclusão daqueles que se encontram à margem da sociedade por se apresentarem esteticamente fora de um “padrão de normalidade” previamente por ela estabelecido.



Figura 2 - LUX(AÇÃO) (2007) - alumínio, plástico e couro - 50 x 30 x 25 cm

Baseado nessas informações, trabalhar com o corpo vem se revelando como caminho à compreensão de elementos de caráter pessoal, cultural e social, pelo resgate da minha história como indivíduo e o desvelamento dos processos de transformação vividos no decorrer de minha história de vida pessoal. Outro caminho que parece possibilitar a superação das dissociações e a metamorfose da identidade é a fruição de imagens - artes visuais -, pelo caráter de espelho que a obra assume no momento da apreciação pelo espectador. A experiência estética do contrato com os símbolos artísticos desperta meus sentimentos, assim como a possibilidade de identificação e compreensão da natureza desses sentimentos na medida em que se empreende na função da imagem. A atribuição de sentidos e significados à imagem revela-me aspectos meus refletidos na obra, possibilitando-me atribuí-los outros signos e completá-los, o que pode resultar no desenvolvimento de minha consciência no processo de construção de minha identidade.

Finalizo esse artigo deixando registrado que ainda restam muitos pontos pendentes em relação ao conhecimento do corpo e seu espaço. Um as pessoas dizem: questões impossíveis de serem respondidas, já outras falam de problemas ancestrais do homem. Eu penso que estas questões também servem quando não são respondidas, pois elas induzem à reavaliação, à

reflexão e à busca. Com elas, trata-se, em suma, de evitar que cada corpo seja uma espécie de ilha, isolada, que faz sentido unicamente para si mesmo.

Referências

1. ALFERES, V. R. **O corpo: Regularidades discursivas, representações e patologias**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 23: 211-219, 1987.
2. ARENDT, H. **The life of the mind**. v. 1. Thinking. New York: Harcourt Brace & Company; 1978.
3. CHANGEUX, J. P. (1983/1985) **O homem neuronal**. Lisboa: Dom Quixote.
4. FOUCAULT, M. **Isto não é um cachimbo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988 (Oficina das Artes; 1), p.50.
5. JEUDY, H-P. **O Corpo como Objeto de Arte**. Tradução Tereza Lourenço. – São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
6. LACAN, J. **O Seminário - livro 11 - os quatro conceitos fundamentais de psicanálise**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p.94.
7. LEDER, D. **The absent body**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1990.
8. MERLEAU-PONTY, M. **Textos Selecionados**. Tradução de M. S. Chauí; N. A. Aguiar; P. S. Moraes. São Paulo: Abril Cultural. Coleção “Os Pensadores”, 1984.
9. _____. **O visível e o invisível**. Tradução José Artur Gianotti e Armando Moura d’Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2006.
10. SANTAELLA, L. **Corpo e Comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2004.
11. VIDAL, L. **Alain Corbin - o prazer do historiador. Entrevista concedida a Laurent Vidal**. Tradução: Christian Pierre Kasper. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 25, nº 49, p. 11-31 – 2005.

Currículo resumido

Doutor em Medicina (PPGMS/UFBA) e Mestrando em Artes Visuais (PPGAV/UFBA). Integrante do Grupo MAMETO (CNPq). Prêmio na 8ª Bienal do Recôncavo (2006), Salões Regionais da FUNCEB (2006) e menção honrosa na 9ª Bienal do Recôncavo (2008). Exposições na Caixa Cultural Salvador (2007), Centro Cultural Correios Salvador (2008).